

**Os Campos Léxico-Semânticos da Literatura
Nicodemiana: O Resgate de uma Amazônia Cabocla**

**Lexical-semantic fields of nicodemiana literature: the rescue of a
cabocla amazon**

Iza Reis Gomes*

* Instituto Federal de Rondônia, IFRO, Vilhena - RO, 76980-000,
e-mail: iza.reis@ifro.edu.br

Maria de Fátima Castro de Oliveira Molina**

** Universidade Federal de Rondônia, UNIR, Porto Velho - RO, 76801-058,
e-mail: fatimamolinaunir@gmail.com

Resumo: Este artigo pretende apresentar uma etapa do processo de criação literária do escritor paraense Nicodemus Sena. Este escritor lançou-se com o livro 'A espera do nunca mais – uma saga amazônica'. E esta narrativa traz a Amazônia dos caboclos em confronto com a modernidade. Para construir este romance, o escritor realizou uma viagem pelos rios paraenses e coletou um material bastante extenso que merece ser pesquisado pela carga semântica e cultural que carrega e por trazer vocábulos originais, um cenário amazônico repleto de teias históricas e literárias por meio da linguagem. Os procedimentos metodológicos utilizados foram a Crítica Genética com a Teoria dos campos lexicais. Como resultados, obteve-se uma classificação de vocábulos de acordo com diferentes temáticas e outros ainda não catalogados com o significado trazido pelo escritor.

Palavras-chave: Processo de criação; Vocabulário amazônico; Nicodemus Sena.

Abstract: This article aims to present a stage of the literary creation process of the writer Nicodemus Sena from Pará. This writer launched himself with the book 'The hope of never again – an Amazon saga'. And this narrative brings the Amazon of caboclos in confrontation with modernity. To build this novel, the writer took a trip through the rivers of Pará and collected a very extensive material that deserves to be researched by the semantic and cultural load it carries and by bringing original words, an Amazonian setting full of historical and literary webs through language. The methodological procedures used were Genetic Criticism with the Theory of lexical fields. As results, a classification of words was obtained according to different themes and others not yet cataloged with the meaning brought by the writer.

Keywords: Creation process; Amazonian vocabulary; Nicodemus Sena.

INTRODUÇÃO

Uma obra literária pode ser considerada apenas o texto já publicado ou o antes também faz parte dela? As pesquisas, os rascunhos, a coleta de dados, uma caderneta de

anotações, a troca de nome de um personagem encontrada em um manuscrito pode fazer parte de uma análise? Será que um esboço, um plano de trabalho do escritor poderia ser investigado com a finalidade de obter pistas sobre o processo de criação? Sabe-se da importância e necessidade dos olhares da Crítica Textual, da Análise do Discurso, da Linguística, da Estilística, dos Estudos Culturais, da Análise literária, da Narratologia e da História nos estudos de um Romance. E como escolher um caminho para uma análise? Como escolher a teoria? Não se pode forçar uma teoria ao objeto. Após a leitura de um romance, do material disponível para a pesquisa, encontra-se o objeto a ser pesquisado e o caminho de como pesquisá-lo.

O romance de um escritor ainda desconhecido narra o encontro do povo caboclo paraense com um estrangeiro e suas consequências. Um romance construído em dez anos, entre pesquisas, viagens, leituras, escritas e reescritas. Analisando as possibilidades de pesquisa, o conteúdo temático serviria como objeto de pesquisa para os Estudos Culturais, para a Análise do Discurso, para a História e outras linhas de pesquisa. Mas, além do romance publicado, há os manuscritos desta obra: entrevistas, caderneta de anotações, cartas trocadas com outros escritores e jornalistas, resenhas e o manuscrito datiloscrito da terceira parte do romance, material cedido pelo próprio escritor.

Segundo Carvalho, “Existem tipos diferentes de léxico de acordo com a situação social, idade e instrução de cada falante. Assim o léxico é um processo contínuo de aquisição através de vocabulário ativo (de uso) e passivo (de compreensão)” (CARVALHO, 2009, p. 41).

O léxico de uma língua possui relações com a vida social de uma comunidade. Pode refletir a dança, a culinária, a identidade, as crenças, a cultura viva de um povo, uma cosmovisão. A língua é um organismo vivo, em constante mudança. Já adiantamos que este léxico traz uma carga muito particular, pois são expressões de uma Amazônia que vivia entre dois tempos e espaços: entre o tempo da oralidade e o tempo da modernização; entre o espaço da floresta e o da cidade. São expressões que estavam no trânsito de uma mudança. Dessa forma, temos uma ligação explícita entre o léxico e a cultura. Segundo Oliveira e Isquerdo (1998, p. 7), “[...] o léxico de uma língua conserva uma estreita relação com a história cultural da comunidade. [...] na medida em que o léxico recorta realidades de mundo, define, também, fatos de cultura.”

Oliveira e Isquerdo ainda afirmam:

O léxico, saber partilhado que existe na consciência dos falantes de uma língua, constitui-se no acervo do saber vocabular de um grupo sociolinguístico-cultural. Na medida em que o léxico configura-se como a primeira via de acesso a um texto, representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade, como também, as inovações tecnológicas, transformações socioeconômicas e políticas ocorridas numa sociedade (OLIVEIRA; ISQUERDO, 1998, p. 7).

Vemos a importância de um léxico para uma comunidade e o que esse léxico carrega: toda uma cultura, uma visão de vida, uma cosmovisão sobre o mundo.

Partindo para a leitura dos manuscritos disponibilizados, propomos um diálogo da Crítica Genética com a Teoria dos campos lexicais. Uma pesquisa na área da Crítica Genética não se resume a organizar e transcrever as informações contidas nos manuscritos, mas analisar o material transcrito com suas recorrências embasado em outro instrumental teórico que permitirá identificar explicações e leis sobre o processo de criação. Daí a constituição da Crítica Genética ser interdisciplinar, pois faz uso de outras ciências para realizar um estudo analítico e interpretativo. E segundo Salles, quando estudamos os manuscritos, podemos inferir

[...] possíveis conclusões relativas a uma teoria da criação. Conclusões essas não mais baseadas em hipóteses desenvolvidas de forma dedutiva, a partir da obra acabada ou a partir de depoimentos de artistas. A crítica genética faz uso de inferências partindo de fatos concretos que funcionam como índices de suporte para uma teoria. Registra os dados de fato, da experiência viva, para corroborar dados teóricos, ou seja, é um processo de investigação experimental de suposições teóricas (SALLES, 1992, p. 33-34).

A crítica genética forneceu instrumentos de aparato para se trabalhar os manuscritos. E comprovou-se que Sena, através de sua experiência com os caboclos e anotações realizadas durante a viagem pelo rio Maró, utilizou o léxico como material base para a escrita do romance. Ele se apropriou do léxico sem cair nos estereótipos e/ou exotismo, realizou um trabalho de escolhas, de conhecer a fundo uma cultura capaz de mostrar sua Arte. Assim, apresentamos o escritor Nicodemos Sena e seu processo de criação através do léxico amazônico.

A teoria dos campos será utilizada para organizar o léxico dos manuscritos em campos léxico-semânticos. De acordo com Trier, campos léxicos são:

Las realidades lingüísticas vivas, situadas entre las palabras individuales y el conjunto del vocabulário, que, em cuanto totalidades parciales, tienen, como característica comum com la palabra el articularse y, com el vocabulário, el organizarse. El grado jerárquico es indiferente (TRIER apud GECKELER, 1976, p. 123).

Na tentativa de uma organização do léxico de Sena, propomos esta classificação para que possamos identificar as temáticas desse Sistema.

OS MICROCAMPUS DA LITERATURA AMAZÔNICA NICODEMIANA

A partir da análise dos fólhos, estabelecemos quatro microcampos relacionados ao campo léxico-cultural da Amazônia: as lexias foram apresentadas de acordo com os microcampos, em letras maiúsculas, negrito e com a significação dada pelo escritor.

Quadro 1 - Microcampo semântico Flora

MICROCAMPO: FLORA	
LEXIA	SIGNIFICADO
CIPÓ-TITICA	Cipó fino, mas resistente.
CIPÓ DE AMBÉ	Usa-se em paneiro.
JACITARA	Cipó para enrolar tabaco.
CIPÓ-AÇÚ	Cipó grosso, para amarrar caibros de casa.
CIPÓ-TINGA	Cipó titica, mais grosso, partido em várias tiras, serve para uso em geral.
CIPÓ-APUÍ	Cipó fino e fraco, depreende um leite que serve para curar luxações, desmentidoras, etc. Cresce e mata a árvore onde cresce, formando o apuizeiro.
PIRIRIMA	Pequena palmeira.
MUMBACA	Espinheiro.
MURU-MURU	Espinheiro.
MURURÉ	Árvore que dá leite, o qual misturado a álcool ou cachaça, serve de remédio para febre, reumatismo, etc.
AMAPÁ	Árvore que dá leite fortificante, alimento, etc. (com álcool ou sal para conservas)
BORRACHAS	Cucurina, árvore que dá borracha bastante elástica.
SORVA	Dá borracha (para chiclete, tinta plástica, etc.)
CAUCHO	Árvore que dá borracha fina para (pneus, etc.)

Fonte: próprio autor.

Observa-se neste microcampo 'Flora' que os significados dados por Sena estão relacionados a uma prática, a uma funcionalidade. Além de dar o significado apresenta a serventia, o uso, como é utilizado pelos caboclos. Esses significados não foram retirados

de dicionários, mas identificados a partir das falas, das conversas, das histórias ouvidas. Uma interpretação dessas anotações, desse recorte, é que tudo que há na floresta possui uma funcionalidade. Há neste microcampo seis espécies de cipó com utilidades diferentes. Analisamos que esta variedade lexical é necessária para este grupo de sujeitos, pois o convívio produtivo e imprescindível com a Natureza depende de um conhecimento prático. E essa praticidade desemboca-se na linguagem ligada à cultura, estudar o léxico de uma comunidade requer um mergulho em sua cultura. Segundo Isquierdo,

Partindo-se do princípio de que investigar uma língua é investigar também a cultura, considerando-se que o sistema linguístico, nomeadamente o nível lexical, armazena e acumula as aquisições culturais representativas de uma sociedade, o estudo de um léxico regional pode fornecer, ao estudioso, dados que deixam transparecer elementos significativos relacionados à história, ao sistema de vida, à visão de mundo de um determinado grupo. Deste modo, no exame de um léxico regional analisa-se e caracteriza-se não apenas a língua, mas também o fato cultural que nela se deixa transparecer. Essa perspectiva de análise favorece uma melhor compreensão do próprio homem e da sua maneira de ver e de representar o mundo (ISQUERDO, 1998, p. 89).

Com as lexias apontadas no quadro anterior, identificamos a experiência cultural do caboclo com a natureza a partir das várias utilizações que o cipó pode oferecer. E através da diversidade funcional do elemento cipó, apontam-se elementos ligados ao sistema de vida deste grupo. E o caboclo usufrui da floresta porque conhece as plantas, os rios, os modos de viver neste lugar. Segundo Déborah de Magalhães Lima em um artigo que discute os possíveis sentidos para o termo caboclo, afirma:

Os atributos que definem a categoria social caboclos são econômicos, políticos e culturais. Nesse sentido, o termo refere-se aos pequenos produtores familiares da Amazônia que vivem da exploração dos recursos da floresta. Os principais atributos culturais que distinguem os caboclos dos pequenos produtores de imigração recente são o conhecimento da floresta, os hábitos alimentares e os padrões de moradia (LIMA, 1999, p. 4).

O caboclo de Nicodemos Sena está incluso nesta definição, o que conhece a floresta e suas funcionalidades para um modo de vida com a Natureza. As lexias apresentadas sobre a temática Flora nos levam a afirmar a existência deste conhecimento prático do sujeito caboclo. E Sena absorveu esta funcionalidade que chamamos aqui de cosmovisão, esta visão de mundo dos caboclos em relação à natureza.

Duas lexias que nos chamaram a atenção relacionam-se ao uso misturado ao álcool produzindo uma bebida contra febre e reumatismo; e outra que serve para conservar alimentos:

MURURÉ	Árvore que dá leite, o qual misturado a álcool ou cachaça, serve de remédio para febre, reumatismo, etc.
AMAPÁ	Árvore que dá leite fortificante, alimento, etc. (com álcool ou sal para conservas)

Mururé e Amapá, lexias recolhidas por Sena, são árvores da Amazônia que fornecem um tipo de leite usado pelos caboclos como remédio e conserva, respectivamente. Analisamos aqui a presença de uma formação de saberes, pois diante de uma realidade, de um problema, constrói-se uma relação de sobrevivência com a natureza ligada à questão medicinal e conservação de alimentos. Simonian afirma:

[...] os caboclos amazônicos são os que vivem em íntima relação com o ambiente e que, apesar de disporem de uma tecnologia simples, conseguem não apenas sobreviver dos recursos naturais disponíveis, mas desenvolver toda uma cultura, uma complexidade impar e que inclui estratégia de conservação (SIMONIAN, 2005, p. 21).

E ainda citamos Mário Ypiranga com sua sabedoria sobre a Amazônia:

O indígena amazonense é caracteristicamente enciclopédico no seu ambiente natural; detém o maravilhoso poder de observador experimentado da natureza. Contemplativo - chamou o sagaz cronista; e grande compositor denominou o outro. Integrado na Natureza é ele o homo vegetalis que supre suas necessidades utilizando a farmácia que a selva generosa lhe oferece em primeira mão. A sua sabedoria não é divinatória, mas aspira ser transcendental, se bem que àquela filiada; é mais prática e mais experimental. Uma longa existência em contato diuturno com a selva proporcionou-lhe a vantagem de conhecer e de utilizar as espécies vegetais em seu próprio benefício e no da sinúsia. Por isso mesmo não é ele um mero improvisador circunstancial de receitas médicas ou um autor de prognósticos (MONTEIRO, 1988, p. 357).

Assim, o nosso caboclo possui uma relação bastante íntima com a natureza amazônica, pois precisa dela e é sabedor de sua finitude, caso não seja tratada com respeito. João de Jesus Paes Loureiro afirmou:

Nada está totalmente organizado em compêndios na cultura amazônica. É preciso errar pelos rios, tatear no escuro das noites da floresta, procurar os vestígios e os sinais perdidos pela várzea, vagar pelas ruas

das cidades ribeirinhas, enfim, procurar, na vertigem de um momento que se evapora em banalidades, a rara experiência do numinoso. Experimentar o frêmito de um caminhar errante que vai descobrindo com decoro a irrupção perene da fonte da beleza. [...] Um mundo no qual as significações não desapareceram e antes que a indústria do consumo se apodere inteiramente dos homens, transformando-os em coisas. Enfim, numa vida cultural em que o ‘ainda’ é uma palavra chave seja de pesar, seja de esperança (LOUREIRO, 2001, p. 25).

Considerando que nada está totalmente organizado, e afirmamos que nunca estará, Sena, através da coleta deste léxico, apanhou e organizou uma cosmovisão dos caboclos através da linguagem, das histórias, de vestígios, de momentos que não se repetem na experiência da convivência. E essa cosmovisão organizada por Sena passou a ser parte de seu processo de criação. Sena recolhe esse material carregado de uma experiência com o caboclo e afirmamos que ao realizar a coleta, se apodera de uma visão de mundo que só tem quem vive na Amazônia. E para fugir de uma narrativa estereotipada, carrega consigo uma experiência do léxico caboclo para inseri-la em seu romance. Vamos ao segundo microcampo: a culinária.

Quadro 2 - Microcampo semântico Culinária.

MICROCAMPO: CULINÁRIA	
LEXIA	SIGNIFICADO
ÁGUA DE CIPÓ	O cipó de ambé, ao ser cortado, deixa pingar água durante 6 meses; a água pode ser bebida na boca ou aparada numa vasilha. Mas, se alguém beber “chibé” com a água do cipó, este seca imediatamente.
CHIBÉ	Pirão feito de água, sal e farinha de mandioca.
TUCUPI	Propriamente o elemento venenoso da mandioca, com o qual se faz o delicioso prato típico da Amazônia, o pato no tucupi.
TAPIOCA	Consiste no pó branco que sai da mandioca lavada e que se separa do tucupi por ser mais pesada que este e se acumular ao fundo do recipiente com a tapioca se faz o delicioso “beiju de tapioca”.
TACACÁ	Bebida feita da goma de tapioca, que se bebe na cuia.
CRUEIRA	Talos de mandioca, pedaços endurecidos, etc. “Sujeira” da massa quando peneirada.
MANICUERA	Espécie de mandioca menos braba, com a qual se faz a bebida chamada também de manicuera, tem como outra bebida chamada Maniçoba.
MACAXEIRA	Mandioca sem veneno.
TIBORNA	Bebida resultante da fermentação de beijus da raiz da mandioca braba.
TARUBÁ	Bebida também feita da mandioca braba, com processo de fabricação bastante complexo.
MANIÇOBA	Feita das folhas da mandioca.

PIRARUCU	É o maior peixe dos rios da Amazônia, espécie de bacalhau da água doce. (quase em extinção).
PUÇANGA	Bebida que embriaga. De dois dias em diante fica forte (alcoólica).

Fonte: próprio autor

Este microcampo revela a arte de se fazer bebidas com algumas plantas da Amazônia. Uma raiz que é muito utilizada em vários pratos e bebidas é a Mandioca. A partir desta raiz, o caboclo pode fazer tiborna, tarubá, maniçoba, chibé, manicuera, tapioca, crueira, tacacá e tucupi. Todos oriundos da raiz ou das folhas. É uma convivência com o que a Natureza fornece a eles. É um variado léxico que envolve uma raiz da Amazônia. Um dado essencial na vida dos caboclos. O escritor Nicodemos de posse deste léxico inseriu em sua narrativa, dando vida a personagens amazônicos detentores deste uso e sabedoria sobre alimentação. Na apresentação da narrativa, temos uma fala de Sena que afirma ter escrito sobre uma parte da humanidade ameaçada de extinção para que o mundo conhecesse, ou seja, o sujeito caboclo. E para que esse sujeito fosse constituído de forma plena, inserido em uma Amazônia palpável e crível aos olhos dos próprios sujeitos, o uso do léxico e suas possíveis temáticas foram essenciais na construção desses personagens. Para exemplificar, apresentamos alguns trechos da narrativa em que este léxico, registrado em sua caderneta de anotações, foi utilizado.

- a- Citamos o uso da tiborna, a bebida resultante da fermentação de beijus da raiz da mandioca braba. Na narrativa, Sena coloca a tiborna como um elemento que substituiu um outro costume, o uso do cachimbo na beira do rio, foi uma mudança cultural. Abaixo, o trecho do romance em que aparece o uso da tiborna:

Numa perda lenta e gradual da memória, porém, de geração a geração, pequenos detalhes do costume, aparentemente insignificantes, iam se modificando. Por exemplo: o avô de Silvestre Bagata foi o último a fumar o cachimbo na beira do rio; o filho, quando chegou a usa vez, trocou o cachimbo pela tiborna, bebida extraída da mandioca, altamente alcoólica, que, em vez de pacificar-lhe a alma, provocava vômitos e alucinações (SENA, 2002, p. 32).

No romance, a tiborna é apresentada como algo ruim para os costumes dos caboclos, pois provoca consequências negativas não só ao corpo, mas também à alma.

- b- No encontro dos caboclos com a cultura do personagem português Estefano, ocorreu uma mudança drástica na alimentação, antigamente gerada somente da natureza. O personagem português levou aos caboclos os temperos e instrumentos da cidade para que o trabalho realizado com a mandioca fosse mais rápido. Não só com a mandioca, mas com todos os recursos naturais. Vejamos o trecho na

narrativa em que Sena descreve essa ação utilizando o léxico recolhido e faz uma denúncia deste encontro/choque entre a cultura cabocla e a cultura da cidade:

- Vocês todos estão me devendo, e não devem pouco: mas o problema é que, trabalhando com os antigos instrumentos que vocês têm, a produção de farinha nunca vai ser grande coisa; por isso eu trouxe um rodete manual pra ralar a mandioca no lugar do ralo de lata, e um forno pra torrar a farinha: com eles vocês produzirão mais, e mais rápido. O que acham? – Mas, seu Estefano, vamos ficar mais endividados com essas coisas – ponderou Sabá. – Não se preocupem com isso, eu suporto o gasto; mas imponho só uma condição: tudo o que vocês produzirem de farinha, tudo o que trouxerem da mata, como a castanha-do-pará, o jutaí-cica, o breu, a madeira, e outras coisas, me venderão; concordam? Como discordar? O negócio parecia-lhes mais do que razoável. Devessem quanto devessem ao forasteiro, bastaria trabalhar e entregá-lhe o fruto do trabalho, recebendo em troca as coisas da cidade, às quais haviam rapidamente se acostumados, como o açúcar, o as, os anzóis, o pano para roupas, o café, o tabaco e a cachaça; pois já lhes repugnava o sabor natural das frutas, e sem o sal tudo parecia insosso, e já repudiavam os antigos anzóis de osso, e já não plantavam o algodão para as suas roupas, nem teciam nem fiavam, e o chá da casca de árvores cheirosas como a preciosa perdera o sabor, e nem amis um pé de tabaco plantavam, e nem já a tiborna, a manicuera, a maniçoba ou o tarubá eles davam-se ao trabalho de fazer (SENA, 2002, p. 104).

Percebemos que vários saberes construídos com a natureza foram substituídos pelo uso de outros instrumentos que produziam com mais rapidez em prol de uma maior quantidade, em consequência o lucro oriundo de um trabalho totalmente escravo. A alimentação laboral dos caboclos é substituída por uma menos trabalhosa através de uma manipulação realizada pelo personagem Estefano, mas que produzirá rapidez e mais lucro. Sena traz para a Literatura uma realidade amazônica que ocasionou uma perda irreparável aos moradores da floresta. Há uma descrição da lenta e gradual transformação da alimentação cabocla, de um trabalho entre a natureza e o morador da floresta, para uma colonização forçada através da troca, uma ação proposta pelo personagem Estefano, em que vão se perdendo as práticas de saberes de um povo, de uma comunidade. No trecho citado anteriormente, há a denúncia deste processo na relação entre Estefano e o caboclo escravizado.

Agora partiremos ao Microcampo dos adjetivos.

Quadro 3 - Microcampo dos Adjetivos.

MICROCAMPO: ADJETIVOS REFERENTES A PESSOAS E OBJETOS	
LEXIA	SIGNIFICADO
TEI-TEI	Cheio, repleto, abarrotado.
ESCOVADO	Desconfiado, cabreiro.
A-UFA	À toa, sem fazer nada, desocupado.

Fonte: próprio autor

Este campo específico, adjetivos, retrata de maneira peculiar o léxico do caboclo paraense. São duas lexias novas que aparecem na coleta de Sena. Lexias que foram classificadas aqui como adjetivos, pois, segundo a significação apresentada pelo escritor, está qualificando algo ou alguém. Podemos afirmar que <tei-tei> e <a-ufa> ainda não foram catalogadas em vocabulários ou dicionários com o sentido coletado por Sena. Nesse manuscrito, temos então duas lexias utilizadas por caboclos paraenses na década de 90, totalmente primárias, pois, até então, não haviam sido catalogadas oficialmente em manuais da Língua Portuguesa com este sentido. E vale salientar que também não estão catalogadas no Glossário de Nicodemus Sena, presente no Romance ‘A espera do nunca mais – uma saga amazônica’. Só as encontraremos nos manuscritos de Sena.

A lexia <escovado> é apresentada como alguém desconfiado, cabreiro. Esses sentidos foram encontrados nos seguintes dicionários:

1. Escovado

Base lexical	Definição do Dicionário Aulete (online) ¹
Escovado	<ol style="list-style-type: none"> 1. Que se escovou, que foi limpo ou penteado com escova (casaco <u>escovado</u>). 2. Bras. Pop. Diz-se de indivíduo bem-arrumado: Vinha sempre todo <u>escovado</u>. 3. Bras. Pop. Diz-se de quem é astucioso, manhoso, ladino; ESPERTO <p>[F.: Part. de escovar.]</p>

Base lexical	Definição do Dicionário Online de Português. ²
Escovado	<p>Adjetivo</p> <p>Que foi limpo com escova: trazia a roupa bem escovada.</p> <p>[Popular] Ardiloso; astuto; sabido.</p> <p>Sinônimos de Escovado</p> <p>Escovado é sinônimo de: esperto, ladino, fino, astuto, sagaz, sabido, sarado.</p>

¹ Disponível em < <http://www.aulete.com.br/escovado>> Acesso em 25.01.2018

² Disponível em: <https://www.dicio.com.br/teitei/> Acesso em 25.01.2018

Nota linguística: a lexia <escovado> anotada por Nicodemos Sena se aproxima do terceiro sentido encontrado no Dicionário Aulete, alguém <desconfiado>, <cabreiro> seria alguém <astucioso, esperto>. E também contempla o significado dado pelo Dicionário Online Português <ardiloso, astuto, sabido>. E está categorizado como uma lexia popular brasileira nos dois materiais consultados. Como já constam catalogados, essa lexia não pode ser considerada um neologismo.

2. TEI-TEI

Base lexical	Definição do Dicionário Aulete (online) ³
Tei-tei	teitei ¹ s. m. (Bras.) o mesmo que gaturamo. teitei ² s, m. (Bras.) briga, desordem, pancadaria: Lúcio... observa a cicatriz... E aguntei o rojão. Foi um teitei como ninguém não imagina. (J. Américo de Almeida, Bagaceira, p. 44, ed. 1937.)

Base lexical	Definição do Dicionário Online de Português. ⁴
Tei-tei	Substantivo masculino: Adversidade, embaraço. Briga, desordem, pancadaria. Etimologia (origem da palavra teitei). Tupi. Substantivo masculino. Variação de gaturamo. Etimologia (origem da palavra teitei). Do tupi teité.

Nota linguística: a lexia <tei-tei> grafada com hífen não foi encontrada nos dicionários utilizados. Mas foi identificada com a grafia <teitei>, sem hífen. Segundo a coleta de Sena, a lexia significa algo <cheio, repleto, abarrotado>; mas no Dicionário Aulete e Online de Português não há indicação para este sentido. Nos dois dicionários, há um registro que se relaciona ao sentido de gaturamo, um pássaro que imita outros pássaros. Um sentido bem diferente dado por Sena em sua caderneta. O outro sentido apontado é de <briga, desordem, pancadaria>, sentidos também que destoam do que foi coletado pelo escritor. A diferença de conteúdo em relação aos dicionários é o acréscimo da etimologia da lexia apresentada pelo Online Português, uma origem indígena, do tupi teité. Dessa forma, consideramos a lexia <tei-tei> um neologismo semântico: novo, por ter sido grafado de forma diferente do que consta nos dicionários utilizados; e semântico por ter um novo sentido não encontrado nos dicionários estudados.

³ Disponível em: < <http://www.aulete.com.br/escovado> > Acesso em 25.01.2018

⁴ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/teitei/> Acesso em 25.01.2018

3. A-UFA

Base lexical	Definição do Dicionário criativo (online) ⁵
A-ufa	À ufa Demasiado, muitíssimo, além do normal.

Nota linguística: a lexia <a-ufa> registrada por Sena na caderneta denota alguém <à toa, sem fazer nada, desocupado>. Já, no único registro formal encontrado registra-se a lexia com acento grave <à-ufa> e com o sentido de <demasiado, muitíssimo, além do normal>, muito diferente do apreendido por Sena. Temos novamente uma lexia considerada um neologismo formal pela diferença da escrita e semântico por apresentar um outro sentido diferente do registrado no Dicionário Criativo.

Essas lexias podem indicar a riqueza de um léxico ainda não estudado pelos pesquisadores e pela ciência. São registros de um escritor pesquisador que tinha o intuito de coletar material léxico para a escrita de um grande romance ambientado na Amazônia. Daí a necessidade de se estudar este material ainda inédito. Sendo o nosso objetivo analisar o léxico amazônico como indícios de um processo de criação literária, constatamos além do valor cultural que cada lexia desta carga, o valor linguístico para possíveis futuros estudos.

Passemos agora para o campo dos objetos utilizados pelos caboclos.

Quadro 4 - Microcampo dos Objetos.

MICROCAMPO: OBJETOS	
LEXIA	SIGNIFICADO
PANEIRO	Cesto feito de cipó-de-ambé.
CAROTE	Vasilhame (cantil) de água.
RODETES	Cilindro dentado, é ligado por uma correia ou corda a uma grande roda de madeira, a qual é girada manualmente por dois caboclos, num processo bastante cansativo.
TIPITI	Um recipiente fino e comprido – cerca 1,5 metros de comprimento por 0,15centímetros de diâmetro, aberto apenas em uma das pontas – confeccionado com talas muito finas de buritizeiro.

Fonte: próprio autor

Este último microcampo apresenta objetos construídos pelos caboclos. É o artesanato, um sistema de elaboração material que servirá no dia a dia. Todas as lexias recolhidas por Sena nos mostram a convivência entre o caboclo e a natureza, uma cultura

⁵ Disponível em: <<https://dicionariocriativo.com.br/expressoes/rico/riqueza/3856-a-ufa>> Acesso em: 25/01/2018.

artesanal, estrutural, móvel, capaz de se adaptar ao ambiente para usufruir de suas possíveis oportunidades.

Verificou-se que o léxico recolhido abrange espécies de plantas, objetos utilizados pelos caboclos e bebidas produzidas por eles. Essa coleta de dados demonstra o perfeccionismo do escritor em buscar elementos linguísticos que possam caracterizar a cultura, as histórias de seus personagens.

Realizando uma análise deste léxico-cultural, acreditamos que Sena não possuía o conhecimento sobre essa linguagem, daí a necessidade de se apoderar delas em sua fonte primária, ou seja, na fala dos caboclos, no uso que eles realizam quando conversam entre si. São saberes cosmológicos que constituem uma cultura, uma comunidade, uma linguagem. E é através dessa linguagem, desse léxico, que Sena se insere no mundo amazônico, o léxico é a porta de entrada para uma escrita literária sobre uma Amazônia fugindo do imaginário construído pelos viajantes que por aqui passaram ou pensaram estar. Simone de Souza Lima comenta sobre a questão amazônica, sua pluralidade, suas subjetividades que, muitas vezes, ficou à margem dos escritos oficiais.

Acreditamos que poucos lugares são tão reveladores dos sentidos suscitados pela deformante imagem babélica quanto a Amazônia, ou mais apropriadamente a Pan-Amazônia, região compreendida por oito países... [...] Cada um deles imerso (ou submerso) em processos históricos e culturais específicos. Amazônias – assim mesmo, no plural, lugares mobilidades e movências dos corpos que carregam em sua materialidade e seu psiquismo suas memórias ancestrais. Nesse sentido, a Pan-Amazônia (ou Amazônia Internacional) tem sido o palimpsesto, manuscrito sob o qual se inscrevem e se embaralham as subjetividades que são as gentes amazônicas, lugar de onde testemunham as narrativas históricas e/ou ficcionais (LIMA, 2014, p. 37).

A imagem da Amazônia como um palimpsesto, um manuscrito, construído por Simone de Souza Lima nos remete a uma Amazônia em que ainda é escrita e reescrita por vários sujeitos. Somos sabedores das várias histórias construídas, inventadas, imaginadas, sobre a Amazônia. E no início, tínhamos histórias contadas pelas letras etnocêntricas, como disse Lima em seu livro ‘Amazônia – Babel’. E depois de muito que já se ouviu, temos a oportunidade de estudar um material que retrata uma cosmovisão cabocla. Sena consegue, através desta coleta, transformar as informações em conhecimento e este em criação literária. É um fazer processual que envolve o seu processo de criação, o seu passo a passo como leitor, crítico e escritor em busca de uma narrativa que fale sobre a Amazônia, mas que não caia na questão pejorativa do regionalismo, do exótico. A

literatura construída por Sena consegue elevar as várias subjetividades contidas na narrativa e extrapola o local, o seu mundo; mas a partir do seu mundo, mostra a Amazônia dos caboclos, dos ribeirinhos, dos mitos, dos causos, mas de uma forma peculiar, em um sistema que faz uma comunidade refletir a estrutura de seu mundo. Masolo reflete sobre esta ideia:

Apesar de parecer bastante óbvio que a língua de uma comunidade reflita a estrutura do seu mundo, isto é, como ela entende, define e procede à taxonomia das ideias sobre si própria, as suas relações, as suas hierarquias e o seu ecossistema, com os seus valores e perigos, só recentemente, com a procura da libertação dos povos e das culturas colonizadoras do domínio estrangeiro, é que esta realidade recebeu destaque (MASOLO, 2010, p. 330).

Percebemos então que além da vontade de se querer fazer uma Literatura diferente dos colonizadores, há questões políticas, de interesses pessoais relacionados a poderes e exclusões justificadas pela ideia de cor, religião, gênero, ou seja, diferenças. Sena se afasta dessa escrita na medida que ouve o caboclo, que vai até eles e conversa, escuta, anota, constrói uma experiência colateral com o Outro. E a partir desta experiência, desta coleta, consegue processar uma escrita flexível, carregada de uma cosmovisão ímpar, uma visão de mundo que foi por muito tempo deixada de lado, à margem das escrituras literárias. Simone de Souza Lima constatou essa Amazônia construída pelo olhar da diferença e que num diálogo imaginado, perpassou por Loureiro:

Como bem salientaram os pesquisadores Neide Gondim, Ana Pizarro e João Carlos de Carvalho Gondim, a Amazônia foi fabricada ou construída discursivamente à semelhança das construções ou fabricações dos lugares exóticos, por colonizadores etnocêntricos incapazes de levar em consideração os saberes tradicionais de suas populações. [...] Nessa perspectiva, como ideia pré-concebida, a Amazônia é ‘fabricada’ sem o concurso de suas populações nativas, taxadas monstruosamente como alteridade exótica e perigosa (LIMA, 2014, p. 45-46).

[...] percebida por quem a contempla como uma grandeza pura: é enorme, é terra-do-sem-fim. Sua concepção está associada geralmente a outros qualificativos: rica, incompreensível, bela, misteriosa, inferno, paraíso. Algo que, embora próximo, está distante, como um outro mundo. Locus do devaneio, cujas medidas físicas desaparecem e cujos contornos se tornam sfumatos, graças a um livre pacto entre imaginário e a realidade (LOUREIRO, 2001, p. 103).

Essa cosmovisão (natureza colossal) figura como a grande marca da literatura de ficção sobre a Amazônia (LIMA, 2014, p. 78).

Sena ao escrever ‘A espera do nunca mais’, focaliza não mais a Amazônia fabricada pelos colonizadores, mas a Amazônia dos caboclos, com problemas identitários, que possuem relações amorosas e de poder diante do novo, são saberes tradicionais que se misturam às estruturas das relações pessoais e sociais. A obra de Nicodemos não deixa de lado o aspecto histórico, mas faz uma teia em que todos os elementos se equilibram para mostrar uma Amazônia mais profunda e em transformação, como qualquer outro lugar do mundo.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Escrever sobre a Amazônia sempre foi o desejo de Sena, mas não seria uma escrita simples e fácil. O escritor detectou uma necessidade de ir in loco para reviver a Amazônia de sua infância. Ao resgatar essas lembranças, essas experiências, Sena reconstrói sua visão sobre sua terra natal, sobre seu povo, sobre suas origens. Percebeu que reviver aquele espaço em sua convivência mais primitiva, proporcionou enxergar uma Amazônia real, poética e criativa. Enxergou além das florestas e dos rios, além da destruição e do desenvolvimento. Conseguiu visualizar a criatividade do caboclo, as suas histórias, as suas construções míticas.

Um sistema complexo está nos manuscritos de Sena através dos campos lexicais flora, culinária e objetos construídos pelos caboclos. A questão social nesse complexo sistema é conhecida dos caboclos, não há apenas uma questão de sobrevivência, a convivência com a natureza é primordial para a construção de um ethos que vai além da continuidade física, perpassa por saberes produzidos pelos próprios caboclos. A flora abarca a relação entre floresta e caboclo com suas plantas medicinais e frutíferas; a culinária também congrega o sujeito morador deste espaço com os recursos que podem retirar da floresta; os rios são caminhos, vias, estradas de água por onde se esvai a cultura. Ao mesmo tempo que é fonte de imaginação, também agrega o caminho por onde o personagem Estefano carrega a farinha, a castanha do Pará e outros. E todas essas relações fazem parte do ethos amazônico.

Essa complexidade de sistemas - floresta, rios e caboclo - é estruturada pela linguagem, pelo léxico, e este vai classificar tudo em subsistemas que seguem uma ordem particular e variada, e que carregam as práticas culturais de todos os saberes construídos naquele espaço-tempo habitado pelo caboclo. E esses vários sistemas são retratados de

forma denunciativa na narrativa de Sena, pois o léxico retrata uma transformação manipuladora e escravizadora das práticas culturais do caboclo com a chegada do homem e da modernidade.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, N. *Empréstimos linguísticos na língua portuguesa*. São Paulo: Cortez, 2009.
- GECKELER, Horst. *Semântica Estructural y Teoria del campo léxico*. 2 ed. Editorial Gredos: Madrid, 1976.
- ISQUERDO, Aparecida Negri. Vocabulário do seringueiro: campo léxico da seringa. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. (pp. 73-98) Campo Grande: EDUFMS, 1998.
- LIMA, Deborah de Magalhães. *A construção histórica do termo caboclo sobre estruturas e representações sociais no meio rural amazônico*. In: Novos Cadernos NAEA vol. 2, nº 2 – dezembro, 1999.
- LIMA, Simone de Souza. *Amazônia babel: línguas, ficção, margens, nomadismos e resíduos utópicos*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2014.
- LOUREIRO, João de Jesus Pães. *Obras reunidas: poesia I Cultura Amazônica – Uma poética do imaginário*. São Paulo: Escrituras Editora, 2001.
- MASOLO, Dismas. Filosofia e conhecimento indígena: uma perspectiva africana (capítulo 9). In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.) *Epistemologias do Sul*. São Paulo; Editora Cortez, 2010.
- MONTEIRO, Mário Ypiranga. Plantas medicinais e suas virtudes. In: SUPL. ACTA AMAZÔNICA, 18(1 - 2). (pp. 357-366), 1998. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/aa/v18s1-2/1809-4392-aa-18-s1-2-0357.pdf> Acesso em 22.01.2018
- OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande-MS: Ed. UFMS, 1998.
- SALLES, Cecília Almeida. *Crítica genética: uma introdução*. São Paulo: EDUC, 1992.
- SENA, Nicodemos. *A espera do nunca mais: uma saga amazônica*. 2ª ed. Belém: Cejup, 2002.
- SIMONIAN, Ligia T. L. Saber Local, Biodiversidade e Populações Tradicionais: perspectivas analíticas, limites e potencial. In: *Anais: Saber Local/Interesse Global: propriedade intelectual, biodiversidade e conhecimento tradicional na Amazônia*, (pp. 60-62) CESUPA: MPRG, 2005.

Data de recebimento: 14/08/2020
 Data de aprovação: 10/12/2020